

PERSONA

CENA E MEIOS DIGITAIS: CONVERSA COM VIOLETA LUNA

SCENE AND DIGITAL MEDIA: A CONVERSATION WITH VIOLETA LUNA

CENA Y MEDIOS DIGITALES: CONVERSACIÓN CON VIOLETA LUNA

**ENTREVISTA REALIZADA
PELO COLETIVO RUBRO OBSCENO**

COLETIVO RUBRO OBSCENO
Cena e meios digitais: conversa com Violeta Luna. Repertório,
Salvador, ano 26, n. 40, 2023
e023007

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i40.52612>

RESUMO

Este texto é a transcrição da entrevista “Cena e meios digitais: conversa com Violeta Luna” e tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o fazer artístico de artistas mulheres latino-americanas que utilizam o corpo como acesso ao exercício de subjetividades e à construção de poéticas cênicas, adaptadas aos meios digitais em tempos de pandemia pela Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE:

Violeta Luna; ativismo on-line; mulheres artistas.

ABSTRACT

This text is the transcript of the interview “Cena and digital media: conversation with Violeta Luna” and aims to reflect on the artistic work of Latin American women artists who use the body as access to the exercise of subjectivities and the construction of scenic poetics, adapted to digital media in times of pandemic by Covid-19.

KEY WORDS:

Violeta Luna; online activism; women artists.

RESÚMEN

Este texto es la transcripción de la entrevista “Cena y medios digitales: conversación con Violeta Luna” y tiene como objetivo reflexionar sobre el hacer artístico de mujeres artistas latinoamericanas que utilizan el cuerpo como acceso al ejercicio de subjetividades y la construcción de poéticas escénicas, adaptado a medios digitales en tiempos de pandemia por Covid-19.

PALABRAS CLAVE:

Violeta Luna; activismo on-line; mujeres artistas.

Violeta Luna é atriz, performer, ativista, explora em seu trabalho a relação entre o teatro, a performance e o compromisso social. Trabalhando em um espaço multidimensional que facilita o cruzamento das fronteiras estéticas e conceituais, Luna utiliza seu corpo como território para a problematização, o questionamento e o comentário relacionado com os fenômenos sociais e políticos. Nascida em *Ciudad de México*, Luna é licenciada em Interpretação Teatral pelo Centro Universitário de Teatro (CUT), UNAM e na Casa del Teatro. Tem apresentado seu trabalho e ministrado oficinas e cursos em diferentes países da América Latina e Europa, assim como em Ruanda, Egito, Nova Zelândia, Japão, Estados Unidos e Canadá. Atualmente é bolsista da *Creative Capital e National Association of Latino Arts and Culture* (NALAC). É membro do *Magdalena Project: International Network of Woman in Contemporary Theatre*, foi artista associada do coletivo *La Pocha Nostra* e, atualmente, do *Secos & Mojados*, ambos com sede em São Francisco, Califórnia.

Essa entrevista foi realizada virtualmente por Leticia Olivares e Stela Fischer, em março de 2021, contemplada no Edital ProAc LAB- Eixo Licenciamento 42/2020.

O Rubro Obsceno é um agrupamento teatral criado em 2013, em São Paulo, a partir dos encontros do Magdalena Project no Brasil. O coletivo realiza projetos artísticos e sociais sob a perspectiva de um teatro voltado para diferentes grupos de mulheres: mulheres soropositivas, mulheres em situação de violência, mulheres com mais de 60 anos e mulheres em situação de cárcere. É coordenado por Leticia Olivares e Stela Fischer, atrizes e pesquisadoras da área das Artes Cênicas, com destaque para os feminismos e a cena contemporânea.

Leticia Olivares: Mediante a Lei Aldir Blanc e abertura de editais em prol das realizações artísticas frente à pandemia de Covid-19, o Coletivo Rubro Obsceno foi contemplado pelo Edital ProAc - Expresso nº 142 de licenciamento de materiais com a proposta: *Cena e meios digitais: conversa com Violeta Luna*, que tem

como objetivo principal realizar este bate-papo, online, sobre o fazer artístico de artistas mulheres latino-americanas que utilizam o corpo como acesso ao exercício de subjetividades e na construção de poéticas cênicas adaptadas aos meios digitais nestes tempos de pandemia da Covid-19. Eu sou Leticia Olivares, cofundadora do Coletivo Rubro Obsceno junto com Stela Fischer, pós-doutora em Artes da Cena, que também está presente para esta conversa.

Stela Fischer: Vou apresentar rapidamente o coletivo Rubro Obsceno. O agrupamento se forma em 2013 e é fruto dos encontros do *Projeto Magdalena* aqui no Brasil - uma rede internacional de trabalhadoras das artes da cena que tem expressão e disseminação mundial. A partir de então, nós coordenamos grupos de estudo, mostras, experimentações de intervenções. O Coletivo Rubro Obsceno atua em duas frentes: uma frente que tem um perfil social e desenvolve parcerias artísticas com diferentes grupos de mulheres: mulheres soropositivas ou com AIDS, mulheres em situações de violência, mulheres 60+ etc. E a outra frente, artística, poética, ativista e cidadã. Por exemplo, o trabalho que realizamos em parceria com Violeta Luna com o *Para aquelas que não mais estão*, uma performance memorial em celebração às vidas que foram descontinuadas de mulheres latino-americanas por feminicídio. Esse trabalho, agora, está passando por uma adaptação para os meios digitais. É uma alegria estar aqui e nós vamos começar a nossa conversa com Violeta Luna.

Leticia Olivares: Violeta, vou te apresentar. Atriz, performer, ativista mexicana, radicada em São Francisco, nos Estados Unidos. Graduiu-se em teatro pela Universidade Autônoma do México (UNAM), trabalhou com o *La Pocha Nostra*, grupo multicultural criado por Guillermo Gómez Peña, em 1993, no México e, posteriormente, sediado em São Francisco. Atualmente, conduz o grupo *Secos & Mojados* junto com o diretor e dramaturgo argentino Roberto Gutiérrez e o músico salvadorenho David Molina. Desenvolve trabalhos solos e é membro do *The Magdalena Project* - rede internacional de artistas mulheres do teatro, por meio do qual viaja levando seu trabalho a diversos países. Também forma parcerias com mulheres imigrantes latino-americanas. Entre suas ações, destacam-se *Frida* (2006), *Apuntes sobre la frontera* (2009), *Requiem para una tierra perdida* (2012) e *Para aquellas que não mais estão* (2015), em parceria conosco do Coletivo Rubro Obsceno.

Stela Fischer: Seria muito importante que você contasse um pouco da sua trajetória, seus principais trabalhos, essa conexão, essa fusão que você faz entre

o teatro e a performance.

Violeta Luna: Gracias Stela y Leticia por crear este espacio, en medio de estas dificultades, de estos tiempos, en dónde nos hace cuestionar también el sentido del cuerpo, ¿no? Digamos, esta pandemia nos ha puesto a resignificar ¿Qué es nuestro cuerpo, ¿cómo podemos trabajar la presencia? Pero bueno, después puedo aún dar un poco más en este concepto de presencia en lo virtual. Mi historia dentro de las artes escénicas parte del teatro, yo me formé como actriz, de alguna manera dentro del teatro en que me formé las estructuras me parecían muy fijas, unas estructuras muy verticales donde los roles estaban muy definidos, ¿no? Quién era el director, quién era el dramaturgo, escenógrafo y al final los actores. Inclusive, ahora que lo comparto con ustedes, lo menciono desde una masculinización. Porque de alguna manera eran sistemas muy patriarcales, eso a mí me desacomodaba mucho en mi práctica. Y empecé a investigar y explorar el *performance art*, o el arte acción, en dónde vi un terreno que era muy inclusivo, al que podía acceder, no solo desde la práctica escénica, pero también desde el activismo, desde mi condición de mujer. Entonces, empecé a ver que estas disciplinas, el *performance art* y el teatro, tenían muchos puntos en común. No se divorciaban, sino que tenían puntos en común de los cuales uno era el cuerpo. El cuerpo como este sitio, como herramienta para crear narrativas fundamentadas en las biografías, interpeladas con el contexto social, y eso me atrajo mucho, este campo tan libre de poder acceder desde muchas maneras a un proceso creativo. También pensar el cuerpo como un espacio político, ¿no? Como un espacio en dónde se pueden comentar y cuestionar temas sociales para buscar una transformación. Creo que este puente, entre estas dos prácticas, del teatro y del performance, es lo que define mi trabajo. Yo digo performativo, ahora se habla mucho de un teatro más expandido, en dónde los lenguajes son más híbridos, ¿no?! Entonces estás navegando en estos espacios donde las fronteras no son definidas y ese espacio intermedio es un espacio muy rico para la creación, ¿no?

Leticia Olivares: Você tocou nesse assunto que é o corpo como espaço de arte e de ativismo que a gente vê muito no seu trabalho, inclusive abordando um contexto geográfico mais 'transfronteiriço', que é uma expressão que você trouxe para a gente. Você pode falar mais sobre isso? Qual é a relação entre o corpo, a arte, o ativismo e o transpor de fronteiras?

Violeta Luna: Creo que cuando empiezo esta investigación de cruces de fronteras estéticas también se da el cruce de las fronteras geográficas. Yo soy me-

xicana, migré acá a los Estados Unidos y eso cambió radicalmente mi trabajo. Porque el lugar desde donde me posiciono es el que crea los relatos de mis historias. Me posicionó como mujer, inmigrante y latina. Cómo latina, mexicana, los temas que tiene mi trabajo involucran a las dos naciones, estas relaciones que pueden ser muy conflictivas entre Estados Unidos y México porque somos interdependientes no solo económicamente, sino geográficamente. Entonces desde ese lugar para mí es importante hablar. También, la intersección que se encuentra con el trabajo con comunidades, ¿no?, el trabajo que se da desde el activismo. Para mí es importante pensarme no solo como artista, sino como ciudadana que tiene una injerencia con lo que produce en su sociedad, en su comunidad. Las mismas herramientas del arte son transformación no solo para el alma, sino también para la sociedad. Entonces, trabajar con las, les, los actores sociales creo que ha sido un punto muy importante y fundamental en la forma de cómo narrar las historias. El sentido de 'transfronterizo' en dónde nos colocamos en ese lugar que hablaba, de intermedio, en este lugar *in between*, en este tercer lugar que no se puede definir. Cómo es, digamos, este lenguaje híbrido, pero también este lenguaje, en dónde nuestros cuerpos son leídos, ¿no? En los Estados Unidos acabamos de terminar un gobierno que su narrativa central era precisamente el racismo puesto en estos cuerpos, en el cuerpo latino, moreno, en el cuerpo musulmán y esos contextos, considero, son tierra fértil, pero necesarios de incluir en las narrativas que uno cuenta como artista.

Stela Fischer: E agora Violeta, se pensarmos nessa nossa condição, na qual nos encontramos devido à Covid-19, há mais um espaço fronteiriço que é o espaço do virtual. Então, como você tem desdobrado o seu trabalho tanto o de artista, como o de ativista, considerando essa realidade? Como você tem trabalhado com ferramentas digitais em relação com corpo e ativismo?

Violeta Luna: Gracias Stela por la pregunta y mencionar, digamos, este espacio de virtualidad como este espacio intermedio, ¿no? Creo que esta pandemia ha revelado muchas cosas, por una parte, toda la desigualdad que existe, que existió, digamos, y que se revela en quiénes podemos tener acceso a este mundo virtual, por todo lo que implica y que a veces resulta un privilegio, ¿no? Tener las herramientas para poder seguir conectada, conectada. Por otra parte, los desafíos que ha implicado a quiénes trabajamos desde el cuerpo y el arte vivo trabajar con una corporalidad mediatizada por una pantalla. La noción de presencia se ha transformado y nos implica desafíos que de alguna manera son desafíos que el proceso creativo te da y que, a veces, te permiten experimentar

y que aparezcan otros lenguajes. Es decir, lo que hemos venido creando en estas plataformas, no sé si lo podemos definir como teatro, no sé si lo podemos definir como video, como cine, o es este tercer lenguaje que tiene su complejidad por qué nos impide el acto de presencia. Por ejemplo, en los espacios públicos, o sea, como desde el aislamiento uno puede seguir con su activismo. Creo que uno sigue desde estas narrativas poéticas, tú hablabas cuando mencionabas el trabajo que hace el Rubro Obsceno de crear estas poéticas. Yo creo que esas poéticas funcionan como contra narrativas, ¿no? A esa imposibilidad de encontrarnos físicamente. Evidentemente hay quienes, activistas-cuerpo, han salido a las calles, ¿no? Pienso que uno de los movimientos muy fuertes que se evidenció fue el Black Lives Matter - las vidas negras importan - es decir, ninguna pandemia pudo detener ese movimiento por esta pandemia que ha existido por años que es el racismo, ¿no? Entonces estuvieron en las calles, se tomaron las calles y se empezaron a realizar actos que han tenido impacto ahora para para la toma de decisiones, ¿no?

Leticia Olivares: Violeta, você falou sobre presença virtual, como traduzir a presença para espaço virtual, mas eu fico pensando: como é que a gente alcança essa força, talvez essa combatividade, pelas tecnologias digitais? Você vê algum panorama nesse aspecto ou essa condição está no encontro, a gente só consegue lutando na rua, por exemplo. O que você acha?

Violeta Luna: Creo que un espacio que nos brindó la virtualidad fue la conexión, el espacio que se creó en seguir manteniendo esta colectividad virtual. Creo que el teatro y el performance son eventos que requieren de las otras, de los otros. Entonces hay otro tipo de motivaciones, otro tipo de cobijos, pienso que por ejemplo para mí, fue muy estimulante seguir manteniendo y estrechando los vínculos con muchas compañeras, ¿no? Inclusive con ustedes, con Rubro Obsceno, seguimos trabajando desde otra perspectiva este trabajo de '*para aquellas*' que venimos realizando ya desde hace mucho tiempo. Porque son temas que no terminan, o sea, el tema del feminicidio y de la violencia, se incrementó ahora con la pandemia. Entonces, uno no puede aislarse, uno no puede hacer cuarentena en el activismo del activismo, tiene que seguir desde eso, es de esos lugares. Así como con ustedes, también estuve trabajando con otro colectivo en México, con sobrevivientes de violencia sexual, mujeres quienes encontraron en el performance y a través de la virtualidad, un medio de denuncia. Tuve otro acompañamiento, con otra compañera en que hablábamos sobre el duelo. El duelo ha sido un capítulo en estos momentos muy fuerte, porque quienes tuvimos una pérdida en estos tiempos no pudimos llevar un

proceso de duelo con un acompañamiento físico y eso nos determinó mucho. Entonces, compartir este acompañamiento de los duelos también fue otra manera de seguir hablando, digamos, de seguir con ese activismo. Creo que los medios digitales siempre han sido desde que, digamos, desde que se han usado, un medio, no solo de experimentación, sino también de cuestionamiento ¿no? Porque también quién está a cargo de controlar estos medios, pues tiene sus propias políticas, de cómo lucrar con la atención, de cómo lucrar con esta información que uno da porque tiene que estar conectado, ¿no?

Stela Fischer: Violeta, nós estamos aprendendo novas formas, ou outras formas, de articularmos o nosso ativismo. Ativismo, em si, pressupõe um espaço de risco. As ruas, como você bem disse, nos foram “tiradas” no momento do isolamento social. Estamos nas ruas, vielas, bulevares virtuais, mas o espaço do risco nos foi tirado também. Como você tem trabalhado esse espaço do risco dentro dessa condição do espaço virtual? Porque o teu trabalho te coloca como artista e como cidadã num espaço de risco. Então como você tem articulado essa nova realidade?

Violeta Luna: Creo que todavía este proceso es para articular una respuesta a estos desafíos, porque si bien planteé el desafío al que me enfrenta, al que nos enfrenta, estar mediatizados, nuestras corporalidades están siendo mediatizadas por esta virtualidad y solo muestran un rostro, o sea, un rostro desde de los posibles rostros que uno puede tener en el acto vivo. Pero también considero que este rostro mediatizado nos da la posibilidad de articularnos desde una frontalidad mucho más contundente. Es decir, requiere de una contundencia, de una síntesis en las imágenes que uno produce porque inclusive los desafíos de los tiempos, ¿no? Estamos con toda la información, conectados todo el día, las informaciones o propuestas creativas que implican más de 10 minutos ya no nos mantiene. ¿Entonces cómo crear esta contundencia, esta potencia en lo que uno produce, lo que uno articula desde la imagen, o desde estos tele convívios? Creo que esta pregunta seguirá resonando en mi práctica y creo que en la práctica de quienes hacemos activismos porque este es otro espacio, ¿no? Inclusive, bueno, aprendiendo como estrategia de los activistas inclusive las redes, las redes sociales se vuelven un instrumento de conexión muy eficaz. Entonces, por este lado, creo que los medios digitales nos brindan muchísimas posibilidades, ¿no?

Stela Fischer: Então podemos considerar que esse encontro é também uma forma de resistência? Esse encontro que a gente faz acontecer, [pois] nos des-

dobramos para estarmos juntas, então, este também é um espaço de resistência?

Leticia Olivares: Queria fazer uma observação, falando sobre o que a gente perde do encontro físico, da troca de fluidos, a gente talvez ganhe em abrangência, em conseguir ir para mais lugares ao mesmo tempo, falar com mais pessoas ao mesmo tempo. É, também, uma forma de resistência essa, não?

Violeta Luna: Sí, o sea, la posibilidad de diluir esas fronteras geográficas. No necesitamos pasaporte, no necesitamos estos discursos que digan acá tú no perteneces a este mundo, tú no perteneces a este lugar, si no, digamos, si bien está cuestionable, esta libertad que se da en el internet, por otra parte, lo que apuntas Leticia, la posibilidad de abrirse a otras vidas, a otras formas de ver, creo que enriquece, ¿no? Evidentemente el espacio de resistencia, o sea, la resistencia se construye en cada acto, día a día, y creo que el estar acá, el proponer este tipo de conversaciones, de diálogos que ustedes hacen con otras mujeres creadoras, utilizando este medio, es un acto de resistencia, ¿no?

Stela Fischer: Violeta, uma curiosidade: com que recursos tecnológicos e técnicos você trabalha? Com o que você tem em mãos? Você tem um *software* especial para fazer suas edições? Quais recursos você reúne para poder continuar trabalhando nessas condições?

Violeta Luna: Mira, los recursos son muy caseros. A la falta, a la limitación, pues, ¡la imaginación! La imaginación te permite encontrar estrategias. Cómo con tu computadora, poniéndola de tal manera, utilizando un tipo de iluminación, un foco que tenías por ahí, utilizando una tela que fue parte de una escenografía, vas aprendiendo la manera de cómo articular de una manera ‘rascuache’, ¡‘rascuache’ me gusta mucho! Es un término que acuñó Luis Valdez que es un chicano del teatro campesino, en dónde ‘rascuache’ es esto que no está bien, que no está bien hecho, pero qué funciona, ¿no?, que funciona porque su objetivo está más allá de la calidad que implica tener todo bajo control, tener un *software* como tú hablabas, o tener un programa para editar, o inclusive tener las habilidades para hacerlo. Inclusive a mí me encanta también esta posibilidad que nos da porque nos permite acceder a los espacios íntimos de los creadores. El ver ese cuadro que está detrás de Leticia, el ver el comedor, la ventana, que es este mundo que contiene a esa presencia que está ahí, ¡me gusta! El mural que yo puse refleja un poco del espíritu de la ciudad de

San Francisco, los lenguajes híbridos, está la cultura latina, pero también están los anarquistas, artistas. Es decir, esas ventanas nos dan esa posibilidad de acceder a esos otros espacios, a esas otras arquitecturas que antes uno no accedía, ¿no?

Stela Fischer: Ainda falando sobre essa potência da abrangência, do encontro, de estarmos em coletividade. Então, há alguns anos você faz parte do projeto *Magdalena*. Conta pra gente um pouco como foi, como você entra na rede, os trabalhos que você desenvolveu, as parcerias e a continuidade dentro dessa nova realidade com as *Magdalenas*.

Violeta Luna: *Magdalena* ha sido para mí un espacio muy importante. Como lo mencionas tú: un espacio de colectividad, de acompañamiento. En el 2009 el grupo Yuyachkani, las mujeres del grupo Yuyachkani, Ana Correa y Débora Correa - las hermanas - Teresa Ralli y Rebeca Ralli me invitaron a participar en un encuentro de mujeres en conexión con el *Magdalena Project*. Ahí tuve la posibilidad de conocer a fundadoras del *Magdalena*, como Julia Varley, esta vez no estaba Gil, pero Cristina Castrillo, es decir, varias de las mujeres y fue una experiencia interesante en compartir. Esta vez presenté un performance, di un taller y conocí cómo es la dinámica, el compromiso con los que generan estos encuentros, el estímulo ¿no? Porque ves que la gente una vez que terminan los encuentros está muy estimulada y quiere replicar los encuentros en sus lugares de origen. Yo creo que esto es lo que tiene *Magdalena* que funciona como una red en dónde cada encuentro que se hace está atravesado por el contexto social y geográfico de las artistas que lo organizan. No es lo mismo un encuentro en Latinoamérica que un encuentro en Europa, o un encuentro en Australia. Esto enriquece mucho, porque uno puede ver no solo a través de las propuestas escénicas que uno ve, sino a partir de los diálogos con las mujeres creadoras. Escuchar cómo se aproximan, o cómo están viviendo tal o cual experiencia que nos es común, pero a la vez diferente por nuestros contextos. Entonces eso es muy cálido y pues, bueno, desde el 2009 hasta ahora he estado participando con esta red y de alguna manera, pues ha sido nuestra madrina, porque a través de esta red nos conocimos y hemos tenido diferentes conexiones.

Leticia Olivares: Exatamente. Eu e Stela também somos fruto, o Rubro Obsceno nasce do encontro pelo *Magdalena*. É realmente uma rede frutífera em si pela proposta e acho que responsabiliza muito a gente em dar continuidade a esse compromisso, de nós, mulheres das artes da cena, deixarmos documen-

tado o que nós mesmas fazemos. Então, acho que estamos tendo sucesso com essa parceria. Quero agradecer muito o privilégio dessa conexão. Também ressaltando que estar nesse lugar, com a condição de fazer uma conexão via internet com outro país, é um privilégio e deixar claro que isso tem que ser tanto por políticas públicas, como é a realização desse projeto, quanto por iniciativas de uma sociedade civil mais justa. Que todas e todos tenham realmente acesso e possam ter essas ferramentas para fazer essas conexões. Eu queria pedir para vocês algumas palavras finais, no sentido de que esse trabalho vai ficar registrado na Secretaria de Cultura, vai ficar licenciado 7 anos - dois anos exclusivos e mais cinco em que a gente também vai poder veicular². Fiquei imaginando quem vai assistir esse trabalho daqui a 7 anos, como é que vai estar o mundo, o que nós de hoje [representaremos], diante de uma pandemia mundial com tantas mortes, com tanta tragédia acontecendo, nesse cenário de desigualdade ainda mais flagrante, mais denunciado. O que vocês querem dizer para quem vai nos assistir, ou para vocês mesmas, nesse futuro?

Violeta Luna: Queda como una memoria, un documento de estas maneras que fuimos o que estamos descubriendo, o articulando para vivir de una manera digna esta pandemia, esta pandemia que nos ha puesto en un estado muy vulnerable. Y hay quienes los han precarizados mucho más, entonces este documento de memoria es, digamos, no solo desde un espacio artístico, porque nos enfrentó a retos de los que habláramos, pero también como seres humanos para ver si aprendimos algo, si en este encierro encontramos algunas maneras para poder construir un mejor futuro para las generaciones que vienen.

Stela Fischer: Sim. Nós temos produzido, nesses tempos, um arquivo muito grande e potente de memória e de conteúdos também. Então, a gente vai poder navegar nesses conteúdos diversos. Nós, artistas, mulheres latino-americanas, estamos nos articulando diante de tantas frentes, diante de tanta produção também de conteúdos, que eles possam reverberar como vozes para além dessas janelas. Que nós continuemos o nosso ativismo atravessando a fronteira dessa janela virtual. Agradeço imensamente à Violeta Luna, por quem nós temos profunda admiração, por seu trabalho, pessoa e ativismo. Nosso “muito obrigada” à Violeta.

Violeta Luna: Muchísimas gracias, Stela y Leticia por seguir compartiendo, por seguirnos acompañando en estos tiempos tan inciertos, tan difíciles, pero que

¹ ² Posteriormente esta condição foi retificada, tornando livre a divulgação do conteúdo. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.cultura.sp.gov.br/uploads/2020/10/42_Retificac%CC%A7a%CC%83o.pdf. Acesso em jun. 2022.

también nos dan la posibilidad de seguir generando otras narrativas que nos ayuden a una transformación. Entonces, muchas gracias.

Leticia Olivares: Gracias, Violeta, obrigada pela parceria Stela. Que nós, como coletivo e como mulheres, consigamos continuar deixando essa marca e essa micropolítica! Porque na verdade o que a gente consegue fazer é muito pequeno, muito próximo, mas acho que é assim que se começa a mudar alguma coisa, pelo próximo. E agora com essa amplitude que a gente tem de alcance, então, que realmente nossas vozes sejam ouvidas por mais janelas, em mais lugares. Mais uma vez agradecendo a promoção deste trabalho a uma política pública, à Lei Aldir Blanc, nós encerramos essa conversa com Violeta Luna.